

MONGE JOÃO MARIA, RELIGIOSIDADE POPULAR E SEUS REFLEXOS COMO PATRIMONIO NO SUL DO BRASIL CONTEMPORÂNEO: PROJETO DE PESQUISA

GABRIEL CARVALHO KUNRATH¹;
MARCIA JANETE ESPIG²

¹Universidade Federal de Pelotas – gabrielkunrath@icloud.com

²Universidade Federal de Pelotas – marcia.espig@terra.com.br

1. INTRODUÇÃO

Sabe-se do culto popular ao *monge*³ João Maria, principalmente nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, devido às peregrinações dos eremitas João Maria de Agostini e João Maria de Jesus. Estas ocorreram a partir de meados e do final do séc. XIX, estendendo-se pelo início do XX. Em consequência a isso, surgiu o projeto de pesquisa “Monge João Maria: a trajetória de uma devoção popular no planalto meridional do Brasil (século XIX e XX)”.

O projeto está dividido em três etapas. As duas primeiras propõe reconstituir os caminhos percorridos pelos monges citados, durante suas peregrinações pela região. Estas fases estão a cargo do Professor Doutor Alexandre Karsburg. A terceira etapa, que busca a construção de um mapa que apresente essas devoções na atualidade, é coordenada pela Professora Doutora Márcia Espig.

Considera-se, neste contexto, importante ressaltar que as populações devotas de “João Maria” não conseguiram diferenciar cada um deles, tornando-se assim devotos de um único “São” João Maria, no qual as lendas sobre ambos e os locais de devoção se confundem, fortificando a ideia da existência de um só “santo”.

De acordo com os estudos de Karsburg (2012), o anacoreta João Maria de Agostinni nasceu na Itália. Tem-se o registro da primeira aglomeração de devotos no Brasil na atual cidade de Santa Maria, no Cerro do Campestre, por volta de 1845. Neste período, foram creditados ao monge vários milagres, agrupados nesta região em virtude de fontes d’água, consideradas santas, bem como os saberes que possuía das ervas e plantas para cuidar dos enfermos. Existe também na região, além do olho d’água, uma capela com a imagem de Santo Antônio, ambos construídos por ele.

É sabido que o eremita João Maria de Jesus tinha como nome original Anastás Marcaf, de origem Síria. Chegou da Argentina e peregrinou até o planalto meridional sul brasileiro, de acordo com Paulo Pinheiro Machado (2004). Todavia não se tem um consenso de quando e onde foi sua primeira aparição. Mas com uma aparência e um modo de vida similar a Agostinni, foi facilmente confundindo com seu antecessor. Um e outro são descritos tendo barbas brancas e longas, trajando roupas simples e castigadas devido ao tempo e as suas peregrinações.

³ Deve-se destacar aqui, que o termo *monge* utilizado em diversos momentos do texto não tem a intenção de expressar a ideia de qualquer ligação de João Maria de Agostini ou João Maria de Jesus com a igreja católica, e sim uma nomenclatura da qual não se sabe se os mesmos se auto concederam ou se as populações devotas lhes os rotularam assim. Todavia é de conhecimento que os mesmos são reconhecidos na região do sul do Brasil como *monges*.

Ressalta-se também a semelhança entre as pregações de ambos, enfatizando a importância de respeito a natureza, bem como de não fazer mal. Destaca-se que a principal diferença entre os dois residia em seu cunho político, João Maria de Jesus teria sido muito mais participativo nesse campo.

2. METODOLOGIA

A devoção de João e Maria é entendida como uma manifestação da religiosidade popular e, também, como um patrimônio cultural imaterial dessa região no Brasil. Por isso, na terceira etapa do projeto, que visa a construção de um mapa dos locais de fé e devoção na atualidade, estamos realizando pesquisas na internet e em bibliografia específica, criando fichas organizativas, com as informações coletadas e, posteriormente, um quadro informativo, trabalhado e aprimorado por toda a equipe envolvida no estudo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como dito anteriormente, o projeto se propõe nas primeiras etapas (as quais já foram concluídas) a debater e construir mapas com os caminhos percorridos por João Maria de Agostini e João Maria de Jesus durante os séculos XIX e XX. Além disso, expor os reflexos que foram deixados por eles tanto no campo da imaterialidade quanto da materialidade.

Salienta-se que a pesquisa realizada na terceira fase do projeto visa localizar o patrimônio ligado à religiosidade popular gerada pela figura de João Maria. Esse patrimônio teve como consequência diversos locais de fé, que até os dias de hoje são utilizados por esses devotos. Nesse sentido, devido à intenção de encontrar a materialidade gerada por essa devoção, pode-se utilizar o conceito de Mircea Eliade (1992), retomado por Jaisson Texeira Lino em um de seus artigos:

No qual “coisas” e lugares se tornam signos de religiosidade. Uma fonte d’água para além de suas características físicas formais, torna-se, também, um espaço do sagrado isto é soma-se ao mundo real outro mundo, o sobre natural. (LINO, 2012, p. 77)

Esse conceito expressa bem a ideia de que esses locais possuem grande relevância, uma vez que passam a demonstrar o patrimônio imaterial lidado ao monge, a sua devoção/fé em João Maria.

A busca pelos locais de devoção, nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, segue em andamento. Temos por volta de sessenta cidades localizadas até o momento, com um grande foco nos estados do Paraná e de Santa Catarina. A ideia é de estender essa busca durante o segundo semestre para o estado do Rio Grande do Sul, para que assim possa existir a possibilidade de começar a construir o mapa.

Ressalta-se que o projeto segue em andamento, o que consequentemente faz com que sigamos problematizando as questões propostas, principalmente as ligadas à terceira etapa, que busca apresentar os locais de devoção em forma de mapa, promovendo debate sobre a memória em torno de São João Maria e de todo esse patrimônio legado ao imaginário das populações através das pregações e das diversas lendas sobre o santo. Lendas que, até os dias de hoje, são propagadas pelos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e do Paraná. Ademais, trataremos inclusive da proteção dos locais de memória e de fé utilizados pelos devotos do monge.

A equipe que trabalha no projeto também tem como propósito levar à comunidade acadêmica os resultados, bem como o debate sobre os conceitos abordados (tais como memória, patrimônio imaterial e material). Além disso, a própria metodologia utilizada na elaboração das etapas do projeto, deverá ser divulgada em eventos e publicações.

4. CONCLUSÕES

Nos recortes abordados durante as três etapas do projeto, conseguimos discutir a figura de João Maria em diferentes formas, possibilitando um melhor entendimento sobre a figura mítica do mesmo, por exemplo: como ela se constituiu, como alguns acontecimentos (Movimento do Contestado e Movimento dos Monges Barbudos, por exemplo) contribuíram para que a figura do monge tenha tomado tal forma, quais foram os fatores para esses peregrinos tenham sido aceitos, por essas comunidades e, por fim, o que São João Maria e seus locais de fé representam nos dias atuais para essas comunidades.

Assim, considerando os estudos já desenvolvidos até a presente data, principalmente no que se refere à terceira etapa, destaca-se a importância dessa pesquisa como uma estratégia para salvaguardar esse patrimônio imaterial, bem como registrar a relevância de se preservar os diversos locais de fé, espalhados por essa região. O cuidado ao se fazer isso é essencial para que os devotos do monge João Maria não se sintam reconhecidos de alguma forma ou se sintam mal representados. Dessa maneira, nada impedirá que os devotos continuem a manter o sentimento de pertencimento a estes locais.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FELIPPE, E.J. **O último jagunço**. Curitibano: Universidade do Contetado, 1995.
- FUNARI, P. P.; PELEGRIINI, S. **O que é patrimônio cultural imaterial**. São Paulo: Brasiliense, 2008.
- GUIMARÃES, A. Z. Os Movimentos ‘Messiânicos’ Brasileiros: uma Leitura. In: CERQUEIRA, E. D. **O que Se Deve Ler em Ciências Sociais no Brasil**. São Paulo: Cortez/Anpocs, 1986, pp. 141-157.
- KARSBURG, A. de O. O eremita do Novo Mundo: a odisséia de um monge peregrino na América católica do século XIX. In: VALENTINI, D. J.; ESPIG, M. J.; MACHADO, P. P. (Org.). **Nem fanáticos, nem jagunços: reflexões sobre o Contestado (1912-2012)**. 1ed. Pelotas: Editora da Universidade Federal de Pelotas, 2012, v. 1, p. 85-108.
- KARSBURG, A.; ESPIG, M. Caminhos do Monge: a História de uma Tradição Religiosa Popular no Sul do Brasil. In: VALENTINI, D. J.; RODRIGUES, R. R. (Org.) **Contestado: Fronteiras, colonização e conflitos (1912 – 2014)**. Porto Alegre :Letra&Vida ; Chapecó : Ed. UFFS, 2015.
- LINO, J. T. Monges sacralizando a paisagem: grutas, fontes d’água e outras formações naturais no viés da arqueologia do sagrado. In: VALENTINI, D. J.; ESPIG, M. J.; MACHADO, P. P.; GANDRA, E. Á.; GASPAROTO, A. (Org.). **Simpósio Nacional do Centenário do Movimento do Contestado: História, Memória, Sociedade e Cultura no Brasil Meridional(1912-2012)**. 1ºed. Pelotas: Editora da Universidade Federal de Pelotas, 2012, v. 1, p. 85-108.
- MACHADO, P.P. **Lideranças do Contestado**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004.

ORO, A.P.. Messianismo, milenarismo e religiosidade popular. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 2, n. 1, p. 73-84, 1988.

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultural. **Patrimônio Cultural Imaterial**. Disponível em: <<http://www.unesco.org/new/pt/brasilia/culture/world-heritage/intangible-heritage/>>. Acesso em: 20 de junho de 2015.

PIERUCCINI, M. A.; TSCHÁ, O.da C. P.; IWAKE, S. Criação dos municípios e processos emancipatórios. In.: PERIS, A. F. (Org.). **Estratégias de desenvolvimento regional: região oeste do Paraná**. Cascavel: Edunioeste, 2003, p. 76-153. Disponível em: <http://www.unioeste.br/projetos/oraculus/PMOP/capitulos/Capitulo_03.pdf>. Acesso em: 19 de junho de 2015.

POLLAK, M. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 5, a. 10, 1002, p. 200-212. Tradução Monique Augras.